

AUTOMEDICAÇÃO EM PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Alaide costa Almeida¹, Emilly Oliveira Silva¹, Joyce de Souza Tolentino¹,
Bruno Vaz Lopes²

- 1- Acadêmicas do curso de enfermagem na Faculdade MULTIVIX
- 2- Enfermeiro Especialista em Saúde Pública e PSF – Professor MULTIVIX – Nova Venécia.

RESUMO

A automedicação é a pratica de usar medicamentos sem prescrição médica. Os profissionais da saúde se automedicam devido a facilidade em obter medicamentos e pela soma de seus conhecimentos, ocasionando danos a si mesmos. Mesmo que a automedicação atinge a população em geral, esse assunto se tornou delicado por ser uma prática muito comum entre os trabalhadores da saúde. Embasado na análise dos argumentos supracitados, as pesquisadoras, acadêmicas do curso de enfermagem, foram motivadas a escrever sobre o assunto, pois a automedicação trata-se de um problema de saúde pública. O estudo tem como objetivo geral conscientizar aos profissionais de saúde que a automedicação traz mais malefícios do que benefícios, trazendo consequências físicas e psicológicas, mostrar para esses profissionais que o acesso fácil aos medicamentos é mais um problema do que uma solução e, leva-lo a reflexão de que se deve ponderar e tomar consciência antes de se automedicar. Trata-se de uma pesquisa com o tema automedicação, sendo um trabalho com abordagem qualitativa, de natureza básica, exploratória e bibliografia como técnica para coleta de dados. O presente estudo realizado indicou um fator de grande preocupação na saúde do profissional médico, enfermeiro, entre outros. A automedicação nessa classe de trabalhadores se tornou algo a ser trabalhado de forma ampliada. Notasse-se uma necessidade maior de abordar sobre os malefícios da automedicação dos profissionais de saúde no âmbito hospitalar e nas diversas áreas da saúde, para alertá-los de sinais que possam indicar que estão saindo do controle quando o assunto é automedicação.

Palavras chave: Automedicação, medicamentos, profissionais, saúde.

INTRODUÇÃO

O Trabalho aborda o tema automedicação em profissionais da saúde e tem por fim principal a exposição das classes farmacológicas mais utilizadas e trazendo suas principais motivações para a conduta da automedicação, bem como também relataremos os malefícios observados e expostos que tal pratica ocasiona.

Dentre os especialistas de saúde, um estudo identificou que a categoria médica é a mais prevalente e vulnerável às práticas de automedicação. Além disso, o consumo de fármacos que não exigem prescrição foi acentuado em farmacêuticos e profissionais de enfermagem, com prevalência maior em profissionais mais jovens e com mais escolaridade (GALVAN, 2016).

O tema automedicação abrange aspectos fisiológicos, patológicos, psicológicos e sociais. Para entender melhor as motivações da conduta de se automedicar dos profissionais da saúde. Elucidando os danos ocasionados pela automedicação em profissionais da saúde.

A pesquisa tem como objetivo geral conscientizar os profissionais da saúde que a automedicação ocasiona mais malefícios do que benefícios, que o fácil acesso aos medicamentos é um problema, dessa forma então gerar uma reflexão para que profissional da saúde pondere bem e que se torne ciente antes de tomar uma conduta prejudicial a sua saúde.

A pesquisa se justifica no desejo de abordar o tema automedicação por ter sido um tema bastante debatido quando se aborda o autocuidado como medida primordial a saúde. Pesquisas apontam que aproximadamente 48% da população mundial usam alguma medicação prescrita, enquanto os demais indivíduos admitem que se automedique com medicamentos de venda livre ou com sobras de medicamentos prescritos. A conduta da automedicação é elevada nos países em desenvolvimento, provavelmente devido à disponibilidade de fármacos a partir de setores informais como mercados abertos, supermercados e serviços inadequados de cuidados em saúde (SCURI, 2019).

O caminho metodológico que orientou as construções dessa pesquisa foi realizado com base nos artigos científicos, monografias e pesquisas bibliográficas. O presente trabalho tem como proposta fundamental abordar a

relevância de conscientizar profissionais da saúde como também explicar consequências do uso indevido de medicamentos.

Vários estudos constataram que muitos médicos se automedicam com drogas modernas sem consultarem outros profissionais de saúde, o que leva a vários problemas, por exemplo, uso indevido e desnecessário de medicamentos caros, sobre prescrição, e uso excessivo de antibióticos (LUIZA, 2019).

Entende-se, portanto, que a automedicação e suas consequências, tanto em termos individuais quanto coletivos, são problemas geradores de grande preocupação em todo o mundo, que demanda prioridades para a promoção em saúde para evitar o uso de medicamentos irracionalmente. A automedicação entre profissionais de saúde é igualmente preocupante, visto que as consequências desta prática podem variar desde dependência química e transtornos, até prejuízos no âmbito de trabalho, com risco para o próprio profissional que se automedica e também para toda a equipe que trabalha com a saúde como também para os pacientes.

REFERENCIAL TEÓRICO

O USO TERAPEUTICO DE MEDICAMENTOS

Todo medicamento é elaborado com a finalidade de curar e aliviar sintomas, sendo produzido com técnicas rigorosas para atenderem a finalidade e a particularidade da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Os efeitos dos medicamentos se devem a algumas substâncias ativas com propriedades terapêuticas reconhecidas cientificamente conforme a composição de cada produto, denominados princípios ativos, fármacos e drogas.

A terapia farmacêutica é essencial e fundamental para o médico, submetendo esses profissionais a um domínio do conhecimento desses fármacos independente de qual é a sua especialidade. Esse conhecimento ajuda

a prevenir ou pelo menos reduzir os eventuais efeitos adversos responsáveis até mesmo por mortes.

A Política Nacional de Medicamentos, possui como proposta para o uso racional de medicamentos exigências muito complexas e variada em uma construção lógica. Para que tudo seja executado, existe o envolvimento de vários atores sociais como os pacientes, profissionais de saúde, indústria e comércio.

No Brasil, o Ministério da Saúde instituiu o Comitê Nacional de Promoção do Uso Racional de Medicamentos (CNPURM) por meio do Regulamento GM / MS n. Artigo 1555, de 27 de junho de 2007, e pela GM / MS nº. CNPURM, página 834, 14 de maio de 2013. O CNPURM tem caráter consultivo e visa orientar e propor ações, estratégias e atividades de promoção do uso racional de medicamentos no âmbito da política nacional de promoção da saúde. Em todas as populações, os medicamentos baseiam-se no mesmo princípio: os medicamentos são vistos como uma forma rápida de resolver problemas de diferentes origens. Em uma sociedade que atua de forma mais prática, o controle do corpo e a cultura da medicalização costumam fazer as pessoas sentirem que precisam se automedicar ou buscar ajuda médica e / ou tratamento para melhorar a eficiência da produção a fim de obter maiores ganhos no tratamento médico. Realização. Não consigo entender realmente os riscos dos medicamentos, ou mesmo a dependência física ou psicológica inerente ao uso desses medicamentos. Portanto, o que é considerado normal torna-se patológico. (BRASIL, 2019, p.15).

A Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), adverte que os fármacos devem ser usados para prevenção, diagnóstico, tratamento de patologias, redução de sinais e sintomas como febre, por exemplo. Podem ser administrados em vários locais conforme a sua recomendação, como clínicas, hospitais e até casas, desde que utilizado por um profissional capacitado e habilitado, para não cometer prejuízos a saúde do cliente.

Em 2017, a Organização Mundial de Saúde (OMS) lançou o 3º Desafio Global de Segurança do Paciente com o tema “*Medication Without Harm*” (medicação sem danos, na tradução literal), que aborda o uso de medicamentos. O objetivo desse desafio foi conscientizar e engajar os países membros e profissionais de saúde de todo o mundo em torno de questões importantes relacionadas à segurança no uso de medicamentos.

Toda fórmula de medicamento apresenta riscos à saúde se não for utilizada de forma adequada, independente de para qual farmacoterapia será

utilizada. O consumo de remédios de forma racional proporciona o máximo de benefício para o consumidor, quando utilizado conforme as instruções, possui uma ampla margem de segurança.

PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO

A automedicação ocorre quando o indivíduo faz o consumo de medicamentos sem prescrições médicas e com o intuito de tratar ou prevenir alguns sintomas ou até com objetivo de tratar uma patologia sem o consentimento médico. Esse ato é bem comum na população, mas o que vem chamando muita atenção é essa prática em meio aos profissionais da saúde, a utilização de fármaco por automedicação está se tornando muito comum, principalmente as drogas utilizadas para o tratamento sob controle médico que ocasiona dependência física e psicológica.

No Brasil e em todo mundo, a automedicação ainda é vista como a primeira alternativa para o alívio de algumas dores, como cefaleias, cólica renal, diarreia, febre, dores musculares dentre outros. (NICOLETTI, 2002 apud MIRANDA,2013, p.02).

Desde a antiguidade há uma busca pelo bem estar físico e há mais de oito mil anos atrás foram realizadas as primeiras técnicas para fins medicinais. Os povos dessa época utilizavam de recursos naturais, ervas e plantas medicinais e rituais a fim de obter tratamento e cura. Somente anos depois cientistas utilizaram dos princípios ativos dessas plantas para produzirem medicamentos.

Para Paulo;Zanine(1988), apud BRITO(2010), a prática da automedicação ocorre:

No entanto, ainda é definida como a prática de uso de substâncias farmacológicas na ausência de indicações médicas ou outros profissionais qualificados e quais medicamentos seus clientes optam por usar. Também com base nesse conceito ampliado de automedicação, pode-se dizer que o uso de medicamentos prescritos por pessoas não certificadas (como amigos, familiares ou funcionários de farmácia) é uma prática de automedicação e, na verdade, um ato ilegal.

Segundo Vilarino et al. (1998) os principais fatores determinantes a automedicação, está nas condições de trabalho, pois foi observado por Vilarino et al. (1998) a pratica de se medicar de maneira indiscriminado e irracional entre os profissionais de saúde de nível superior. Devido ao fácil acesso aos medicamentos essa pratica se torna ainda mais recorrente, mesmo com conhecimento científico muitos profissionais optam por ignorar efeitos colaterais e possíveis efeitos adversos, visando somente os bons resultados que os fármacos apresentam no momento atual.

Este é o ato de automedicação sem orientação médica. A automedicação costuma ser vista como uma solução rápida para alguns sintomas e pode ter várias consequências. O uso incorreto de medicamentos pode levar ao agravamento da doença, pois o uso impróprio de medicamentos pode mascarar alguns sintomas. Se o tratamento for com antibióticos, deve-se sempre ficar atento, pois o uso abusivo desses produtos pode promover o aumento da resistência microbiana, comprometendo assim a eficácia do tratamento (OMS, 2012).

Esse fenômeno é uma característica da medicalização, e uma das principais consequências de seu aumento é o aumento da dependência. As pessoas pretendem utilizar os serviços do sistema de saúde para solucionar seus problemas, sejam eles médicos ou não.(DOLARES; MARIA, 2008, p.02)

AUTOMEDICAÇÃO NO CONTEXTO GERAL

A automedicação como o próprio nome diz é o ato de se auto medicar e essa prática se tornou um tema de grande preocupação da saúde pública no último século. A indústria farmacêutica busca frequentemente formas de aprimorar os seus medicamentos devido à grande resistência medicamentosa já existente no tratamento de doenças.

Portanto, deve-se compreender que o processo de automedicação constitui-se de um fenômeno complexo e que pode estar associado com diferentes fatores, entre eles à facilidade de acesso ao medicamento (Souza et al., 2011; Munhoz et al., 2010). No Brasil a dificuldade de acesso às redes básicas de saúde, associada à falta de informação sobre os medicamentos e à facilidade de acesso a esta

tecnologia em estabelecimentos farmacêuticos configuram situações que devem ser avaliadas no processo de promoção do uso racional de medicamentos (Padoveze et al., 2012; Cascaes et al., 2008; Vilarino et al., 1998, apud ARAÚJO, 2015, p.1182).

O uso da automedicação se tornou um alvo populacional devido aos medicamentos de livre acesso e outros que não são de livre acesso, mas mesmo assim acabam sendo disponibilizados. A busca da forma mais simples de resolver problemas do dia-a-dia como o estresse, uma dor de cabeça ou o desejo de perder peso, alimentados pelo marketing e a mídia, tem resultado em hospitalizações que poderiam ter sido evitadas.

Os medicamentos desempenham um papel importante no sistema de saúde porque podem salvar vidas e melhorar a saúde (MARIN et al, 2003, p.1).

O uso de drogas é o tratamento mais comum em nossa sociedade, mas estudos mostram que existem problemas de saúde cujas causas estão relacionadas ao uso de drogas. No que se refere à pressão social sobre os prescritores, a estrutura do sistema de saúde e a comercialização dos medicamentos costumam ser considerados fatores envolvidos nesse problema. (AGNOL, 2004, p.1).

Quando praticada corretamente, a automedicação pode contribuir aliviando os custos dos sistemas de saúde. A automedicação responsável é direcionada por algumas regras, a saber: a) cuidar sozinho apenas de pequenos sintomas, já diagnosticados ou conhecidos; b) escolher somente medicamentos isentos de prescrição, de preferência com a ajuda de um profissional habilitado; c) ler sempre as informações da embalagem do produto antes de tomá-lo; d) parar de tomar o medicamento se os sintomas persistirem; e) um profissional habilitado deverá ser consultado no caso de persistência ou agravante quanto ao uso dos medicamentos. Na automedicação responsável, o indivíduo assume de forma integral a responsabilidade pelo seu tratamento, sendo importante que conheça a medicação que está tomando (SHARIF et al., 2015).

Em todo o mundo, o consumo de medicamentos sem prescrição vem crescendo, motivado por complexa rede de fatores que estão associados a valores predominantes na sociedade moderna, dentre os quais se destacam o aumento de medicamentos alternativos, disponibilidade e venda livre e propagandas de produtos farmacêuticos na mídia.

Embora vários fatores contribuam, a automedicação é o principal motivo para o uso irracional de drogas medicamentosas, o que pode levar a reações adversas, desenvolvimento de resistência, dependência do medicamento, desperdício de dinheiro e sofrimento prolongado (VIZHI; SENAPATHI, 2010). O uso impróprio de certas substâncias medicamentosas, causa uma desordem no organismo, deixando-o mais suscetível a infecções, intoxicações, hipersensibilidades e resistente a organismos que seriam nocivos.

Com relação à automedicação com antimicrobianos, os problemas mais comuns incluem a dose inadequada, a curta duração do tratamento, a interrupção do tratamento durante a melhoria dos sintomas, o compartilhamento de medicamentos entre outros, e o insucesso terapêutico (BENNADI, 2013).

AUTOMEDICAÇÃO ENTRE PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Um estudo foi realizado com 329 profissionais de saúde (médicos, dentistas, enfermeiras, técnicos de enfermagem) que atuavam em 39 instituições de serviços básicos de saúde, 32 secretarias de saúde (UBS) e 7 centros de atenção psicossocial. (CAP) de trabalho da zona urbana de Pelotas-RS, que avaliou as condições de trabalho e autocuidado desses profissionais. Dados da pesquisa mostram que a taxa de penetração da automedicação de todos os profissionais de saúde é de 24,8%, sendo ainda maior entre os médicos (43%). Entre enfermeiras e dentistas, 32% relataram que tomavam medicamentos por conta própria. O estudo também apontou que determinadas condições de trabalho podem estar relacionadas à automedicação dos profissionais, principalmente devido à carga de trabalho. Em média, os trabalhadores trabalham 40 horas por semana e atendem cerca de 30 pessoas todos os dias. Quarenta% dos entrevistados relataram complicações de saúde, com foco em problemas do aparelho circulatório (27%) e problemas musculoesqueléticos (18%) (TOMASI et al., 2007).

Para Pedrosa; Telles (2001) apud Brito (2010), as principais causas para automedicação dos profissionais da saúde:

O estresse ocupacional nas diferentes atividades de trabalho está relacionado principalmente ao trabalho em turnos, noturno, sobrecarga quantitativa e qualitativa de trabalho, controle insuficiente das atividades, salário, responsabilidades excessivas, capacidade de carga, rotinas de atividades, qualidade das relações interpessoais, insegurança e trabalho instável. No entanto, no que se refere à equipe multiprofissional no setor básico de saúde, a divisão do trabalho, a condição social da profissão, a hierarquia no processo de trabalho, aspectos organizacionais, relações informais, redes de poder, valores e normas são todos sugeridos no desempenho das funções laborais.

Segundo uma revisão sistemática que agrupou informações de 27 estudos sobre o comportamento de auto tratamento, inclusive automedicação, de médicos e estudantes de medicina, a prevalência dessas práticas foi superior a 50%. Ao analisarem profundamente os dados da pesquisa, os autores constataram que os médicos acreditavam que era apropriado se auto tratarem, tanto para condições agudas quanto para as crônicas, e que as vias de cuidado informal eram comuns na profissão médica. Mais de 28.000 médicos concordavam e indicavam altos níveis de automedicação. A análise qualitativa do estudo indicou que automedicação inadequada está enraizada na crença do médico em evitar o paciente de paciente, em normas ocupacionais sobre auto tratamento, na pressão de realizar o trabalho e a necessidade de manter as coisas dentro da profissão. Desta forma, evidenciou-se o quanto a cultura organizacional e as normas profissionais contribuem para manter comportamentos de automedicação/auto tratamento inadequados entre os médicos (MONTGOMERY et al., 2011).

Para Paulo;Zanine(1988), apud BRITO (2010), os profissionais de enfermagem têm uma maior facilidade para ser automedicar devido ao fácil acesso aos medicamentos:

O trabalho diário da equipe de enfermagem envolve a operação de diversos medicamentos, portanto, essa forma conveniente de uso pode auxiliar na autoadministração e na autoprescrição. Apesar da base científica para o uso de substâncias farmacológicas e seus efeitos no organismo, o enfermeiro ainda enfrenta a jornada de trabalho por meio dos cuidados paliativos. Além disso, a formação do profissional de enfermagem está relacionada às inúmeras jornadas de trabalho, que é o seu papel complexo na organização, podendo desencadear situações de crise e / ou dificuldades, transformando a auto convalescença na resolução dos próprios problemas de vida.

A prática de automedicação tem sido comum entre os profissionais de enfermagem. Um estudo realizado por OLIVEIRA e TEIXEIRA (2013), que envolveu profissionais de enfermagem que atuavam na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital do Câncer II – INCA-RJ, revelou que esses trabalhadores praticavam a automedicação, principalmente de analgésicos e anti-inflamatórios, mas também de drogas psicoativas. Foram relatadas diversas reações alérgicas com o uso desses medicamentos. Segundo o estudo, as principais formas de acesso aos medicamentos foram a disponibilidade desses produtos no setor, o uso de prescrições cedidas por médicos que trabalham nos hospitais ou com medicamentos cedidos por conhecidos. Segundo os pesquisadores, os motivos para o uso da automedicação incluem:

O excesso de carga horária, o conhecimento desenvolvido com as medicações, a facilidade de obter os medicamentos, além do hábito cultural da população brasileira, afirmando que trabalhar na enfermagem está diretamente relacionado com a prática da automedicação. (OLIVEIRA; TEIXEIRA, 2013, p.1).

OS MALEFÍCIOS DA AUTOMEDICAÇÃO

Os medicamentos são prescritos com o objetivo de tratar doenças e auxiliar no manejo de sinais e sintomas, além disso, serve como forma de prevenção. O uso inadequado e/ou desordenadamente pode gerar consequências irreversíveis no organismo humano.

Para todos os riscos relacionados a automedicação em profissionais de saúde, a que é mais preocupante é a possibilidade de intoxicação, como uns dos maiores questionamentos desses profissionais são cefaleias e lombalgias, eles se submetem ao abuso de analgésicos e anti-inflamatórios. As reações alérgicas também podem se tornar um problema, assim como a resistência a antibióticos.

Embora essa prática geralmente alivie os sintomas, efeitos adversos podem ser encontrados, como doenças iatrogênicas, mascarando doenças evolutivas, envenenamento, reações adversas, interações medicamentosas, desenvolvimento de resistência aos medicamentos e reações alérgicas. A automedicação pode minimizar os sinais e sintomas, mas às vezes não pode resolver o problema corretamente e aumentar o risco de doença. (Galvan, M. R.; Dal Pai, D.; Echevarría-Guanilo, M. E., 2016, p.02).

Os profissionais de saúde enfrentam riscos biológicos, ergonômicos e psicossociais. Por isso, têm maior probabilidade de desenvolver ou contrair certas doenças devido ao trabalho. Isso também leva as pessoas a usarem a automedicação para aliviar os sintomas. Entre os profissionais de saúde, há relatos de dores lombares, membros

inferiores, estresse, alterações de humor, distúrbios do sono, veias varicosas etc. Os profissionais de saúde têm conhecimento e acesso a medicamentos e passam a ser um grupo de destaque na automedicação. (Galvan, M. R.; Dal Pai, D.; Echevarría-Guanilo, M. E., 2016, p.02).

Tudo o que trata também pode matar. Um simples analgésico, se tomado em excesso e sem a prescrição médica pode ocasionar desde reações alérgicas até problemas graves que afetam o sistema digestivo. E em muitos casos o medicamento ajuda a mascarar problemas mais graves, dificultando então o seu diagnóstico. Dependendo do tipo de medicamento, também podendo causar resistência a bactérias isso se dá pelo o uso irracional dos antibióticos, também ocorre a dependência que muitas vezes proveniente devido ao uso de calmantes. O problema se tornou tão grave que o Ministério da Saúde registrou nesses últimos cinco anos mais de 60 mil internações e complicações por automedicação (Ramos A., 2016).

Os enfermeiros, téc. e auxiliares de enfermagem sofrem com problemas ergonômicos, algumas atividades relacionadas a profissão dessas pessoas, as sujeitam ao uso de força, podemos citar como exemplo, transportar e movimentar pacientes. Essa prática constante diariamente no âmbito do trabalho gera lesões no musculo esquelético das costas desses trabalhadores, que procuram solucionar esse problema se automedicando fazendo o uso de antibióticos e anti-inflamatórios, com o tempo isso se torna um ciclo vicioso e proporciona uma dependência.

Uma questão muito comum e praticada entre os profissionais de saúde é a sobre carga na jornada do trabalho, por vezes esses profissionais que já possuem uma jornada exaustiva, ainda trabalham em plantões, na maioria das vezes com o intuito de compensar a questão financeira. Com esse comportamento, ocorre algumas consequências, grande parte dos profissionais de saúde sofrem com a exaustão, a insônia, a ansiedade e a depressão.

Condições vulneráveis são propícias ao desenvolvimento de doenças em determinados grupos, como trabalhadores do setor de serviços de saúde, porque continuam a vivenciar eventos estressantes e enfrentam dor, medo, conflito, tensão, lutas pelo poder, ansiedade, estresse e convivência. juntos. Morte, longas jornadas de trabalho e muitos outros

fatores inerentes ao dia a dia desses trabalhadores. (CARVALHO;BINDER, 2010, apud MOURA; LUNARDI, 2018, p.11).

O fator preocupante relacionado a essas longas jornadas de trabalho e todas as questões que envolve trabalhar em um ambiente hospitalar e na área da saúde é que para tentar resolver e amenizar esses eventos de estresse, tensões e ansiedade, esses profissionais buscam o alívio em calmantes e ansiolíticos.

Para Vieira et. al (2016) as condições de trabalho podem desencadear o uso de drogas pelos profissionais de enfermagem. Alguns fatores como inadequadas condições de trabalho, sobrecarga de trabalho e facilidade de acesso as drogas facilitam a dependência por esses profissionais. O consumo de substâncias psicoativas torna-se uma forma de minimizar a tensão e o estresse no ambiente de trabalho, reduzindo e negando a percepção de sofrimento da realidade, associados a condições inadequadas de trabalho expondo a biossegurança do trabalhador.

A uma grande facilidade para um profissional de saúde ter acesso a qualquer tipo de remédios, desde para uma simples gripe até para um distúrbio de sono, por isso a automedicação se tornou um desafio. O recomendado a ser feito em situações de doença em geral é procurar um médico ou enfermeiro para uma avaliação mais detalhada, o profissional de saúde deve se submeter a orientações e cuidados de um colega profissional para evitar riscos a própria saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo realizado indica um fator de grande preocupação na saúde do profissional médico, enfermeiro, téc. de enfermagem, entre outros. A automedicação nessa classe de trabalhadores se tornou algo a ser trabalhado de forma ampliada, levando em consideração os fatores relevantes a esse problema.

Visto que há um grande uso irracional de medicamentos nesses trabalhadores, vimos que há uma necessidade de reforçar o conhecimento

desses profissionais sobre os malefícios da automedicação e conscientizar sobre os prejuízos na saúde dos mesmos.

Ao abordarmos os malefícios causados pelo uso descontrolado de medicamentos, notamos o quanto esses profissionais estão desatentos aos danos que estão causando a própria saúde, pelo fácil acesso a essas drogas e pela confiança no seu conhecimento medicamentoso.

Chega-se à conclusão de que há uma necessidade maior de abordar sobre os malefícios da automedicação dos profissionais de saúde no âmbito hospitalar e nas diversas áreas da saúde, para alertá-los de pequenos sinais que possam indicar que estão saindo fora do controle quando o assunto é automedicação e reduzir a quantidade de profissionais com intoxicações, resistência medicamentosa, entre outros problemas, já que apenas manipular esses medicamentos já é um fator potencial prejudicial à saúde.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO. **Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura**. São Paulo. Revista Brasileira de Farmaco. 1178 – 1201, 2015.

BIBLIOTECA VIRTUAL EM SAÚDE. **Automedicação**. Dicas em saúde, 2012. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html. Acesso em: 20 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. **Uso de Medicamentos e Medicalização da Vida**: recomendações e estratégias. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 33 p. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/medicamentos_medicalizacao_recomendacoes_estrategia_1ed.pdf. Acesso em 20 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Conceitos e definições de medicamentos. **Portal Anvisa**. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/medicamentos/conceitos-e-definicoes>. Acesso em 19 mai. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Saúde Suplementar. Medicamentos: uso seguro e cuidados essenciais. **Portal Anvisa**. Disponível em: <http://www.ans.gov.br/temas-de-interesse/medicamentos-uso-seguro-e-cuidados-essenciais>. Acesso em 19 mai. 2020.

BRITO, E. **Automedicação dos Profissionais de Saúde**. 2010. Recife. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/29316>. Acesso em de Novembro de 2020.

CASTRO, M. R., VARGAS, L. A. A interação/atuação da Equipe do Programa de Saúde da Família do Canal do Anil com população Idosa Adscrita. *PHISYS: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.329-351, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA (CFF). Uso de medicamentos: relatório final (abril de 2019). Datafolha Instituto de Pesquisa. 84p, 2019. Disponível em: http://www.cff.org.br/userfiles/file/UsodeMedicamentos-RelatRio%20final.pdf. Acesso em 27 mai. 2020.

DALL'AGNOL, R. S. A. Identificação e quantificação os problemas relacionados com medicamentos em pacientes que buscam atendimento noserviço de emergência do HCPA. 2004. **Dissertação** (pós-graduação nívelmestrado). Porto Alegre, 2004.

DINIZ NANTES, J.F.Riscos ergonômicos em profissionais da área da saúde: estudo de caso em uma unidade pública de saúde. **XXXVI Encontro Nacional de Engenharia de Produção (ENEGEP)**, 2016. Disponível em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/TN_STO_229_339_28741.pdf. Acesso em: 13 nov. 2020.

FERNANDES, J. C. Jornada profissional e autoavaliação de saúde em enfermeiros assistenciais de hospitais públicos no Rio de Janeiro. **Dissertação**. Ri de Janeiro, 2015.

GALVAN, M. R.; DAL PAI, D.; ECHEVARRÍA-GUANILO, M. E. Automedicação entre profissionais da saúde. **REME –Revista Mineira de Enfermagem.**, v. 20, p.(n.d.),e959, 2016.

LEITE, S. N.; VIEIRA, M.; VEBER, A. P. Estudos de utilização demedicamentos: uma síntese de artigos publicados no Brasil e América Latina. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 1, p. 793-802, abr.2008.

MOURA, A.; LUNARDI, R.; VOLPATO, R.; NASCIMENTO V.; BASSO, T.; & LEMES, A.Fatores associados à ansiedade entre profissionais da atenção básica. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n.19, p.17-26, JUN.,2018.

MONTGOMERY, A. J. et al. Review of self-medication in physicians and medical students. **Review Occup Med (Lond)**., v. 61, n. 7, p. 490-497, out. 2011.

NOONE, J.; BLANCHETTE, C. M. The value of self-medication: summary of existing evidence. **J Med Econ.**, v. 21, n. 2, p. 201-211, fev. 2018.

OLIVEIRA, A. F. C.; TEIXEIRA, E. R. Self-medication among nursing workers in the oncologic context: influence of the professional practice. **Revista de Enfermagem UFPE OnLine**, v. 7, p. 5044, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (WORLD HEALTH ORGANIZATION). Patient Safety.The third WHO Global Patient Safety Challenge:Medication Without Harm. **WHO**.Genebra: Suíça. 2017. Disponível em:<http://www.who.int/patientsafety/medication-safety/en/>. Acessoem 18 mai. 2020.

RAMOS, A. Riscos e consequências da automedicação. **Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM)**, São Paulo, 15 de jul. 2016. Disponível em:<https://www.spdm.org.br/blogs/saude-em-geral/item/2296-riscos-e-consequencias-da-automedicacao>. Acesso em 30 de set. de 2020.

RIBEIRO DA ROCHA, A. L. Uso racional de medicamentos. 2014. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/11634/1/25.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

RUIZ, M. E. Risks of self-medication practices. **Current Drug Safety.**, v. 5, n. 4, p. 315-323, 2010.

SCURI, S. et al. European university students of pharmacy: survey on the use of pharmaceutical drugs. **Acta Biomed.**, v. 90, n. 1, p. 83-91, jan. 2019.

SHARIF, S. I., BUGAIGHIS, L. M. T., SHARIF, R. S. Self-medication practice among pharmacists in UAE. **Pharmacology&Pharmacy.**, v. 6, p. 428-435, 2015.

TOMASI, E. et al. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. **Rev Bras Epidemiol.**, v. 10, n. 1, p. 66-74, 2007.

VIZHI, S. K.; SENAPATHI, R. Evaluation of the perception, attitude and practice of self-medication among business students in 3 select Cities' South India. **Int J Enterpr Innovn Manag Studies (IJEIMS).**, v. 1, n. 3, p. 40-44, 2010.